

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO:
CIÊNCIAS DA NATUREZA

THIAGO GOMES SOBRINHO

CONTRADIÇÕES NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NO ASSENTAMENTO
ROSELI NUNES

MATINHOS
2018

THIAGO GOMES SOBRINHO

**CONTRADIÇÕES NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NO ASSENTAMENTO
ROSELI NUNES**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral como requisito parcial para a conclusão do Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientadora: Maria Isabel Farias
Orientando: Thiago Gomes Sobrinho

MATINHOS

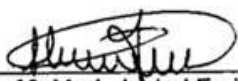
2018

TERMO DE APROVAÇÃO

THIAGO GOMES SOBRINHO

CONTRADIÇÕES NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NO ASSENTAMENTO ROSELI NUNES


Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação do Campo, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada (o) em Educação do Campo habilitação em Ciências da Natureza.



Prof.^a Maria Isabel Farias
Câmara da Licenciatura em Educação do Campo - UFPR - Setor Litoral



Prof. Adalberto Penha de Paula - Orientador
Câmara da Licenciatura em Educação do Campo - UFPR - Setor Litoral



Prof.^a Andreia Kerecz Tavares
Câmara da Licenciatura em Educação do Campo – UFPR – Setor Litoral

Matinhos, 10 de dezembro de 2018.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente ao meu filho, aos meus pais, ao Movimento Sem Terra e também as famílias Sem Terra do assentamento Roseli Nunes pela disponibilidade e comprometimento que tiveram comigo. E pelo trabalho em busca da agroecologia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao MST pela luta que faz para que nós da classe trabalhadora possamos ter acesso as universidades.

Agradeço ao companheiro Zelitro Luz dirigente nacional do MST e ao setor de educação pela minha indicação para fazer este curso.

Agradeço meu acompanhante político Roberson Pinheiros Campos. A escola latina americana e todos os trabalhadores que muitas vezes mesmo sem ajudas de custo se faziam presente para que nossas etapas acontecessem.

Agradeço a todos os professores que sempre se fizeram presente em especial a minha orientadora Maria Isabel que aceitou ser minha orientadora mesmo sem tempo apropriado para fazer um novo Trabalho de Conclusão de Curso.

Ao professor Adalberto Penha que nos momentos difíceis estava sempre me apoiando e correndo atrás para resolver algumas situações que se ele não estivesse resolvido teria desisto do curso.

A professora Andressa que aceitou fazer parte da minha banca e sempre nos proporcionou muitos conhecimentos e estava sempre presente para ajudar, se preparando em áreas que não era de formação dela.

Agradeço toda turma que contribuiu de alguma forma para minha aprendizagem.

Agradeço em especial a companheira Amandha Silva Felix e seu companheiro Julio Erick Souza que se tornaram parte da família sempre me apoiando não me deixando desistir, tenho certeza que além de camaradas de curso e de lutas vamos sempre continuar com essa nossa amizade, mesmo que o destino nos leve a caminhos diferentes carregando a certeza que sempre estaremos nas mesmas lutas apenas em trincheiras diferentes, mas com os mesmos objetivos. Obrigado pela amizade de vocês

Prefiro morrer lutando, a morrer de fome.

(Roseli Nunes)

RESUMO

Essa pesquisa procura compreender as contradições na organização do trabalho das famílias camponesas do assentamento Roseli Nunes, localizado no extremo oeste do estado de São Paulo. A partir do contexto histórico do Pontal do Paranapanema, a pesquisa busca compreender em que contexto o assentamento está inserido e a importância da organização das famílias como forma de resistência a partir da produção de alimentos agroecológicos. Foram realizadas entrevistas com três famílias assentadas com o foco na organização da produção e como estas famílias compreendem a atuação das usinas de cana-de-açúcar na região, visto que estas famílias contribuem nos processos de organização da cooperativa e também na organização da associação do assentamento. Analisar as contradições no processo da organização da produção do assentamento pode contribuir com as famílias no sentido de olhar para os processos e promover os pontos positivos e repensar os pontos negativos na organização.

Palavras-chave: Assentamento Roseli Nunes. Contexto agrário Paranapanema. Contradições.

RESUMEN

Esta investigación busca comprender las contradicciones en la organización del trabajo de las familias campesinas del asentamiento Roseli Nunes, ubicado en el extremo oeste del estado de São Paulo. A partir del contexto histórico del Pontal do Paranapanema, la investigación busca comprender en qué contexto el asentamiento está inserto y la importancia de la organización de las familias como forma de resistencia a partir de la producción de alimentos agroecológicos. Se realizaron entrevistas con tres familias asentadas con el foco en la organización de la producción y cómo estas familias comprenden la actuación de las usinas de caña de azúcar en la región, ya que estas familias contribuyen en los procesos de organización de la cooperativa y también en la organización de la asociación del "asentamiento". El análisis de las contradicciones en el proceso de la organización de la producción del asentamiento puede contribuir con las familias a mirar los procesos y promover los puntos positivos y repensar los puntos negativos en la organización.

Palabras clave: Asentamiento Roseli Nunes. Contexto agrario Paranapanema. contradicciones

LISTA DE IMAGEM

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO ASSENTAMENTO ROSELI NUNES.....	24
--	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ITESP - Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo

MST – Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PAA – Programa De Aquisição De Alimentos da Agricultura Familiar

SAFS – Sistemas Agroflorestais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
HISTÓRICO DE VIDA	17
CONTEXTO AGRÁRIO DO PARANAPANEMA	20
1. APRESENTAÇÃO DO ASSENTAMENTO ROSELI NUNES	24
2. ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO NO ASSENTAMENTO.....	25
2.1 ORGANIZAÇÃO DAS FEIRAS	25
2.2 PROJETO DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS (PAA)	26
3. AS CONTRADIÇÕES LEVANTADAS	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE 1	40

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma investigação realizada durante a trajetória do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza da UFPR – Setor Litoral em parceria com a Escola Latino-americana em Agroecologia (ELAA).

Primeiramente consta o breve histórico de minha vida, no sentido de apresentar como ao decorrer da vida o sistema impõem condições perversas à classe trabalhadora, a qual me representa.

O objetivo geral que percorre esta pesquisa é identificar as contradições existentes nas relações de trabalho e organização no assentamento Roseli Nunes.

Os objetivos específicos são a fim de compreender e apresentar de forma breve a história do assentamento Roseli Nunes, à descrição das formas de organização do assentamento, tendo como tema transversal a agroecologia, pois o assentamento é fruto da luta pelo fim da exploração dos trabalhadores rurais pelo mono cultivo de cana-de-açúcar na região.

Como processos metodológicos utilizados para a realização dessa pesquisa, destaco: o uso de uma das categorias de análise do materialismo histórico dialético, a contradição; a pesquisa bibliográfica sobre temas relacionados à agroecologia, pesquisa documental sobre a organização das famílias no Movimento Sem Terra, a realização de entrevistas; e ainda a pesquisa participativa uma vez que tenho realizado algumas vivências no assentamento objeto de pesquisa.

As entrevistas com as famílias do Assentamento Roseli Nunes tiveram o foco voltado para a produção agroecológica, foram realizadas entrevistas com três famílias do assentamento e os entrevistados receberam codinomes (E1, E2 e E3), a escolha das famílias que foi organizada em conjunto com orientador político, onde buscamos dentre todas as famílias diferenças de avanços na produção agroecológica. Foi elaborado um questionário com oito questões norteadoras, foram aproximadamente uma hora de conversa com os entrevistados, a família E1 e E2 estiveram presentes o homem e a mulher, já a família E3 somente o homem participou deste momento.

A pesquisa esta dividida em três capítulos o primeiro (1) denominado O Assentamento Roseli Nunes, traz alguns elementos históricos deste assentamento, as formas de organização das famílias, alguns relatos da produção existente no assentamento; o segundo (2) A organização da Produção, traz elementos das

entrevistas realizadas com três famílias do assentamento Roseli Nunes; e por fim o terceiro capítulo (3) As contradições levantadas, que trazem algumas considerações importantes a serem levantadas a fim de contribuir com os processos de avaliação da organização da produção camponesa do assentamento.

HISTÓRICO DE VIDA

Sou Thiago Gomes Sobrinho natural do município de Colorado situado no Estado do Paraná, filho de camponeses, me identifico como camponês militante do MST. Com apenas um ano idade meus pais se mudaram para o município de Colíder, no Estado de Mato Grosso, para trabalharem em uma fazenda de criação de gado de corte. Minha infância foi nesta fazenda e convivendo com outras crianças de sítios menores e fazendas vizinhas.

Com oito anos de idade iniciei minha vida escolar em uma escola multisseriada do primeiro ao quarto ano, esta escola ficava há três quilômetros da fazenda, eu e as outras crianças fazíamos todos os dias este trajeto a pé. Nos anos iniciais tínhamos somente um professor que trabalhava todas as matérias, tive muita dificuldade no primeiro ano, me esforcei para ler e escrever, mas acabei reprovando, pois não conseguia ao menos escrever meu nome.

No próximo ano avancei muito, logo nas primeiras semanas já sabia escrever meu nome e fazer leitura de algumas palavras. Com alguns meses já estava lendo bem e fazendo as contas básicas de matemática, inclusive era a matéria que, mais gostava. Estudei mais três anos nesta escola com desempenho melhor não reprovei mais.

Depois que terminei o quarto ano mudei de escola fui estudar na escola Nova Galileia no distrito de Colíder, essa escola ficava a oito quilômetros de casa, para ir estudar eu utilizava uma bicicleta, porém nos tempos de chuva perdia muita aula. Conclui a quinta série nesta escola.

Quando iniciei o sexto ano o patrão dos meus pais vendeu a fazenda então decidimos ir morar em São Paulo no município de Mirante do Paranapanema onde já morava um irmão meu e os irmãos do meu pai, isto ocorreu no ano de 2001. Neste momento meu pai foi acampar, eu e minha mãe ficamos morando numa agrovila no assentamento Santa Clara, pois meu tio já morava neste assentamento e cedeu um pedaço de terra pra nós enquanto meu pai estava acampado.

Nesta época comecei estudar na escola Fazenda São Bento, num assentamento de Mirante do Paranapanema, tive um pouco de dificuldade para se adaptar aos novos costumes, estudei dois anos nesta escola e comecei a me envolver com companhias erradas, vivia brigando e já não gostava mais de estudar pois não via perspectiva do que fazer futuramente, porque os professores falavam

que não tínhamos chances de entrar em uma Universidade Pública. Então devido a essas brigas e por ver alguns amigos sendo presos resolvi parar de estudar para me afastar destas companhias, fiquei uns dois anos afastado, mas por insistência dos meus pais voltei estudar em outra escola no assentamento Chê Guevara, na agrovila onde morávamos, entrei no tele curso e em três anos terminei o ensino médio.

Pensei em entrar na usina de cana de açúcar para trabalhar, mas teria que trabalhar nos serviços gerais que são muito penosos e teria que trabalhar com agrotóxicos, mas meu pai não concordava por ter visto muitas pessoas que morreram por causa de uso de agrotóxicos quando ele trabalhava com lavouras no Paraná. Após estes relatos fiquei trabalhando na agrovila e fazendo diárias, mas queria ter um emprego para ter minha independência financeira.

Em 2007 fui convidado por integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) para fazer um curso técnico em agroecologia em Presidente Prudente-SP no ano de 2007, este curso foi uma parceria entre o INCRA, MST e Colégio Técnico de Campinas. Iniciei com as aulas de agroecologia com a formação política aí eu comecei a perceber o quanto as usinas da região exploram os trabalhadores e degradam o meio ambiente.

No dia 23 de maio de 2008 nasceu meu filho, Erick Ferreira Sobrinho, minha maior motivação.

No final de 2010 terminei o curso e no início de 2011 fui contratado pelo MST para trabalhar como técnico num projeto que iria desenvolver Sistemas Agroflorestais (SAFS), onde café era o carro chefe da produção. Trabalhei por dois anos neste projeto e firmei minha militância no movimento depois destes dois anos o projeto se encerrou. Continuei minha militância e trabalhando de servente de pedreiro na cidade, mas logo acabaram as construções na cidade e me senti forçado a trabalhar na usina de cana-de-açúcar mesmo contra a vontade do meu pai.

Depois de um mês trabalhando lá passou um dirigente MST em casa e me falou do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza, neste momento meu pai que respondeu por mim que iria fazer este curso, conversamos e após decidi aceitar esta chance.

Então iniciei o curso e continuo a contribuir com o Movimento Sem Terra no setor de produção, acompanhando assentados que desenvolvem agroecologia, e nas habitações que estão sendo construídas nos assentamentos.

Foi depois do término do curso que firmei minha militância no MST, fui trabalhar de técnico atendendo os agricultores assentados e desenvolvendo a agroecologia, neste momento comecei a perceber quanto era fundamental um novo modelo de produção que libertasse os agricultores dos pacotes tecnológicos e importância de se criar um banco de sementes crioulas para garantir a autonomia dos produtores porque muitos utilizavam sementes transgênicas, mas não utilizavam os insumos necessários e não conseguiam produzir. Os que conseguiam estavam perdendo suas sementes crioulas e perdendo sua autonomia assim ficando refém dos pacotes tecnológicos e sem condições financeiras para comprar esses pacotes.

Estava havendo muitos arrendamentos nos assentamentos então os técnicos do MST começaram a buscar sementes crioulas em feiras e disseminar para os assentados, assim amenizando um pouco suas dificuldades. Trabalhei por dois anos de técnico entre os anos 2011 e 2013 com carteira assinada e salário fixo, mas depois não houve mais salários devido às dificuldades fui trabalhar na cidade como citado acima e depois na usina de cana de açúcar.

Em 2014 ingressei na faculdade e voltei a atuar no MST, desde então trabalho de técnico nas áreas de agroecologia e acompanhando construções de habitações para assentamentos recém formados, agora trabalho somente com ajuda de custo quando é possível. Ao entrar na faculdade e participar mais dentro da organização do MST hoje sou dirigente regional do setor de produção e consigo ter a sensibilidade de perceber que apesar das minhas dificuldades, de não ter um salário fixo, existem pessoas com dificuldades bem maiores que as minhas e eu fazendo estes trabalhos é uma forma de retribuir um pouco a luta desse povo lutador ao qual faço parte.

Se hoje estou tendo a oportunidade de fazer uma faculdade foi graças a lutas dessas pessoas que reivindicaram esse direito que nos foi negado, tenho a consciência convicta que depois de formado vou poder contribuir mais ainda com o Movimento Sem Terra e com a classe trabalhadora, além desenvolver os trabalhos que já faço, vou conseguir atuar como educador ajudando a formar sujeitos críticos que possam lutar pelos seus direitos e pela transformação da sociedade tornando-a mais justa e igualitária.

O CONTEXTO AGRÁRIO DO PARANAPANEMA

A ocupação do Pontal do Paranapanema é uma história de reconfiguração. Filho (2012) retrata momentos fundamentais para compreender este processo. Tudo iniciou com a consolidação dos latifundiários na região através da grilagem, causando a expulsão dos indígenas da região. Sujeitos que migraram para este território trabalhavam na construção das fazendas, mas após o término estes trabalhadores foram expulsos das terras indo para os centros urbanos da região, o que também resultou na organização de movimentos camponeses.

A luta é o processo fundamental na consolidação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, então vendo este contexto a partir de 1990 que o MST entra a região, buscando a recriação do campesinato através da ocupação dos latifúndios.

Foi a partir deste momento na década de 1990 que as empresas canavieiras, com grandes extensões de monocultivo da cana-de-açúcar, avançaram sobre as terras devolutas¹, as quais poderiam se destinadas a Reforma Agrária no Pontal do Paranapanema, extremo oeste do Estado de São Paulo.

Segundo MST (2014, pg. 11) “Os empresários capitalistas, brasileiros e estrangeiros, passaram a priorizar os investimentos na produção de soja/milho, cana-de-açúcar com suas usinas para açúcar e etanol [...]”. No Pontal do Paranapanema não foi diferente, o agronegócio investe pesado nas empresas canavieiras e o campo agrário fica a mercê do controle das grandes multinacionais.

Durante a entrevista com agricultores sem terra do assentamento Roseli Nunes na região do Pontal, pode se perceber que o monocultivo de cana-de-açúcar tem influencia sobre toda população local, questionado se era a favor ou contra o trabalho na usina de cana o agricultor E1 afirma:

“Sou contra como eles trabalham onde tem plantação de cana acaba com os rios polui o ar a saúde das pessoas uma vizinha teve câncer por trabalhar com o veneno na usina. Mas por outro lado esta segurando os jovens junto com as famílias antes tinham que mudar para arrumar emprego mas não e bom porque todos que trabalham lá falam em sair muitos compram terrenos nas cidades com o tempo montam negocio porque

¹As terras devolutas são espaços vazios, propriedades que não cumprem a função social da terra que é a produção.

quando trabalho na usina não tem tempo para nada além de comer e de ficar doente” (E1, novembro de 2018)

Este relato retrata dois lados do trabalho na usina, primeiro os agricultores percebem alguns males que este trabalho causa, tanto na saúde como ao meio ambiente, por outro lado devido as condições financeiras torna-se uma saída para a obtenção de renda de algumas famílias do assentamento.

Para a agricultora E2 quando questionada sobre sua opinião em relação a usina, aponta:

“Sou contra porque essas terras são terras devolutas que poderiam ser transformadas em assentamentos para os filhos de assentados que nela trabalham e moradores da cidade vizinha assim tendo um trabalho digno livre dos riscos de intoxicação por venenos e poluição de rios e desaparecimento de algumas arvores nativas”. (E2, novembro de 2018)

A compreensão da agricultora citado acima vai mais além das questões da exploração que os trabalhadores sofrem na usina, ele traz apontamentos que demonstram que estas terras poderiam ser destinadas aos trabalhadores que vão trabalhar nela a partir de princípios que visam o cuidado com a natureza e com quem trabalha nela.

Com o avanço do monocultivo de cana-de-açúcar perderam-se algumas plantas nativas da região, por exemplo, Ipês, Perobas, Cedros, entre outros, secando algumas nascentes, animais silvestres que foram extintos, entre tanto outros desastres naturais que ocorreram na região, por exemplo, a variação do clima, aumento das tempestades e o calor esta cada vez mais forte.

Ainda sobre os relatos dos agricultores entrevistados, o agricultor E3 traz reflexões de um ponto de vista um pouco mais voltado para a questão financeira dos trabalhadores, é perceptível que este relato retrata um pouco das contradições que existem no assentamento. Quando questionado se concorda ou não com a usina de cana-de-açúcar na região, E3 afirma:

“Vejo que é uma forma de dar emprego para os jovens assentados e para o crescimento a cidades vizinhas com a chegada de novas pessoas para trabalhar na usina isso fortaleceu o comercio e possibilitou mais empregos na área da construção civil”. (E3, novembro de 2018)

Esta afirmação não contempla os princípios do Movimento, os quais estão voltados para que os trabalhadores tenham acesso a terra e possam viver e trabalhar nela. Mesmo que o trabalho na usina seja uma fonte de renda para alguns sujeitos, é um trabalho penoso que ao longo do percurso traz danos a saúde e a vida dos trabalhadores.

Mesmo havendo uma alta tecnologia voltada para a colheita da cana, em alguns locais onde as máquinas não conseguem operar devido a declividade do terreno, são utilizados trabalhadores para fazer esta colheita manual, é um trabalho penoso, pois são locais de difícil acesso, onde há vários casos de ataques de animais peçonhentos como cobras, aranhas e escorpiões, além disso, a remuneração não condiz com a força de trabalho que é explorada dos sujeitos. É importante ressaltar que para este trabalho a grande maioria dos trabalhadores são sujeitos marginalizados na sociedade, ou seja, uma maioria de sujeitos, que para a sobrevivência necessitam deste trabalho o qual não é digno para um ser humano.

Devido aos processos de grilagem na região os grandes latifúndios são predominantes no território, sendo assim o agronegócio é o modelo que tomou conta do campo agrário. As possibilidades de trabalho através de pagamento de diárias no campo são muitas, por exemplo, a época de colheita e plantio, há também as usinas de cana que têm gerado muito emprego. Tudo isso influenciado pela baixa escolaridade dos trabalhadores do campo onde muitos que não tem estudo encontram nos canaviais uma possibilidade de trabalho, e outros ingressam neste serviço e acabam não priorizando o estudo.

Além do trabalho na colheita, existe também o trabalho braçal para a aplicação de agrotóxicos, onde os aviões não conseguem ter acesso devido às redes de energia (alta tensão), os trabalhadores utilizam bombas² para aplicação que chegam a pesar mais de 8 quilos. Como o clima é muito quente há relatos de várias pessoas que desmaiam durante o trabalho. Sobre os assalariados rurais MST conclui:

Nos vários segmentos de famílias camponesas há 14 milhões de trabalhadores adultos que trabalham no campo, sob as mais diferentes situações de relações sociais de produção. Há uma super exploração do trabalho agrícola no Brasil. Entre os camponeses, pelo aumento da jornada de trabalho, pelo envolvimento de toda família, e pela baixa remuneração recebida. Entre os proletários rurais, empregados no agronegócio, há uma

² São equipamentos para a pulverização de inseticidas ou agrotóxicos nas lavouras.

super exploração relativa, em função da comparação dos seus salários, que são maiores do que os camponeses, mas muito menores do que seus equivalentes trabalhadores das mesmas commodities agrícolas em outros países do mundo. (MST, 2014, pg.17)

Para contrapor modelo do agronegócio o MST tem na Reforma Agrária a possibilidade de redistribuição de terras no país, o Movimento Sem Terra é o mais importante movimento social no Brasil que faz o enfrentamento direto contra os grandes latifundiários. Segundo MST:

Na atualidade, a luta pela terra e pela Reforma Agrária mudou de natureza, frente ao modelo de desenvolvimento econômico vigente no país. Não há mais espaço para uma reforma agrária clássica burguesa, apoiada pela burguesia industrial ou por forças nacionalistas. Mas do ponto de vista dos camponeses e de um projeto popular de desenvolvimento do país, a Reforma agrária é cada vez mais urgente e necessária. (MST, 2014, pg.31)

O MST luta pela Reforma Agrária Popular, pois busca a produção de alimentação saudável para a classe trabalhadora. A preservação os recursos naturais, a valorização dos trabalhos em mutirões, a preservação das sementes crioulas, as cooperativas e agroindústrias, respeitando os hábitos alimentares de cada cultura, além da busca pelo fim do uso de agrotóxicos, nesta nova perspectiva de Reforma Agrária lutamos por direitos básicos, como por exemplo, o acesso as educação de qualidade desde os anos iniciais até a graduação, direito a saúde, cultura, esporte e lazer, e que esses direitos estejam latentes às áreas de Reforma Agrária para a permanência dos camponeses no campo.

A Reforma Agrária busca a mudança das estruturas da sociedade, na forma de usar os bens da natureza, a organização da produção e as relações sociais. É um projeto que visa contribuir constantemente na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

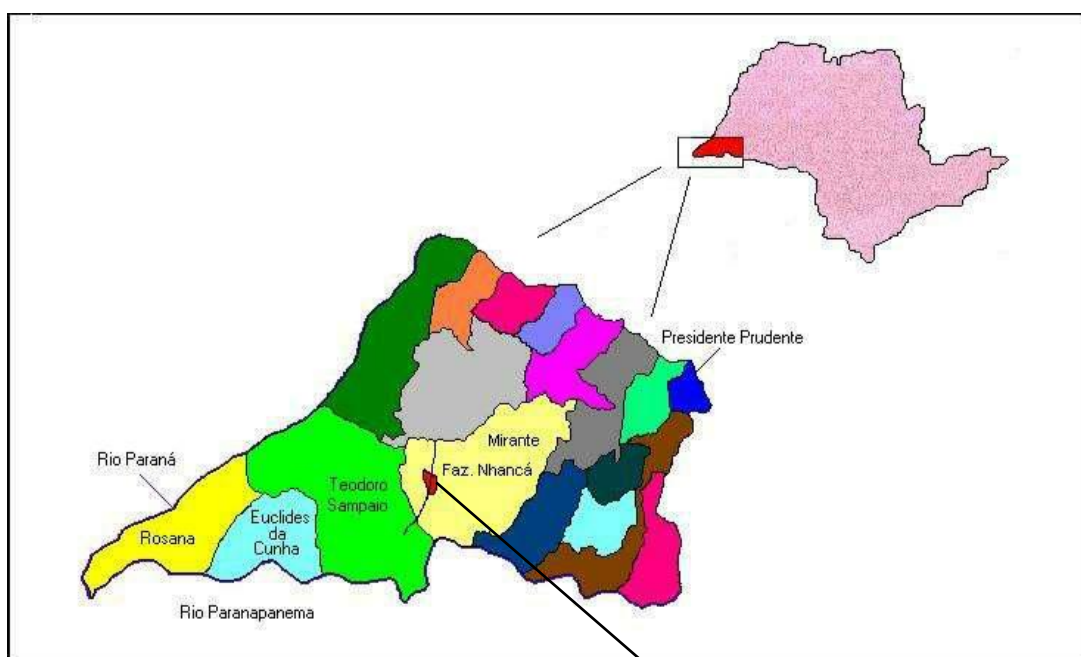
Neste sentido os assentamentos na região do Pontal do Paranapanema têm a função do enfrentamento direto ao modelo de produção convencional predominante que existe na região. Apesar das contradições dentro das áreas de Reforma Agrária há um grande avanço no desenvolvimento da agroecologia, por exemplo, o momento em que o MST assume a agroecologia como a principal matriz de produção para os agricultores sem terra, o que trouxe mais apoio e políticas para a produção de alimento orgânico.

A agroecologia proporciona aos camponeses uma nova forma de produzir sem agredir a natureza, e possibilitando a classe trabalhadora o acesso a alimentos saudáveis. É importante promover a Reforma Agrária como um pilar fundamental para a transformação social.

1. APRESENTAÇÃO DO ASSENTAMENTO ROSELI NUNES

O Projeto de Assentamento Roseli Nunes está situado no município de Mirante do Paranapanema que é um dos municípios que concentra muitos assentamentos rurais. A ocupação da área que hoje é o assentamento Roseli Nunes aconteceu em 1997, foram aproximadamente 70 famílias que estiveram acampadas. Em 2003 o acampamento torna-se o então assentamento Roseli Nunes com 55 famílias que foram assentadas.

A área do Projeto de Assentamento Roseli Nunes é de 2082.7519 hectares, sendo distribuído em 54 lotes de 1022.0224 ha, 01 lote de Pararural³ 6.8814, 967.1045ha de Reserva, e 71.8384 de Reserva legal, estrada 9.7539 ha, área comunitária 5.1513. A Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP) é responsável pela assistência técnica no Assentamento.



Localização do Assentamento Roseli Nunes

Fonte: Itesp

São 15 anos de resistência do Assentamento Roseli Nunes, as famílias ainda encontram-se no processo de organização da produção camponesa. Existe o

³ Este é um modelo de lote para um assentado que já é aposentado. Foi uma decisão coletiva das famílias, visto que este assentado já tinha uma fonte de renda e assim ficou com o lote Pararural que é um lote menor que os demais.

trabalho voltado para a agroecologia, mais ainda encontramos resistência de alguns camponeses que produzem no modelo convencional.

A nova proposta de Reforma Agrária Popular pautada pelo MST proporcionou que os dirigentes do assentamento iniciassem o processo de debates sobre o novo modelo de produção. Firmado em 2014 no Congresso Nacional do MST o novo programa agrário aponta:

Priorizar a produção de alimentos saudáveis para todo o povo brasileiro, garantindo o princípio da soberania alimentar. Organizar a produção com base em todas as formas de cooperação agrícola, como mutirões, formas tradicionais de organização comunitária, associações, cooperativas, em pressas públicas e cooperativas de prestação de serviços. (MST, 2014, pg.39)

Esta proposta do Movimento Sem Terra trouxe um novo rumo aos assentamentos, e não foi diferente com o assentamento Roseli Nunes, a equipe técnica que acompanha alguns projetos, os dirigentes e as famílias iniciaram a busca pela transformação no modelo de produção do assentamento.

Localizado em uma área de tensos conflitos por terra e pelo grave monocultivo de cana-de-açúcar o assentamento Roseli Nunes passa a ser uma referência do modelo de produção de alimentação saudável para os demais assentamento da região.

2. ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO NO ASSENTAMENTO

As 55 famílias assentadas estão organizadas em Cooperativa de Pescadores e Produtores da Agricultura Familiar (COOPPAF) a qual trabalha a piscicultura e Associação de Moradores Produtores e Assentados de Reforma Agrária Roseli Nunes (AMPARAR) que trabalha a produção agrícola agroecológica que vai para o Projeto de Aquisição de Alimento (PAA) que promove o abastecimento alimentar por meio de compras governamentais de alimentos e também comercializando outra parte dos produtos em mercados dos municípios vizinhos através das cestas.

Além de trabalhar com captação de recursos e projetos de habitações o assentamento tem uma infra-estrutura de três poços artesianos que foram tramitados pelo ITESP através de licitação, as áreas onde foram instalados os poços não fazem parte dos lotes, são espaços considerados áreas coletivas⁴. Há também um barracão comunitário onde são realizadas reuniões e festas do assentamento.

A produção do assentamento esta voltada para a produção de leite, piscicultura, produção de citros (limão, laranja, ponkan), plantio de mandioca (monocultivo), milho, feijão, café e hortas (alface, almeirão, couve, cenoura, cebola, beterraba, berinjela, jiló, rúcula, chicória, entre outros). Após a implantação do PAA pela cooperativa, algumas produções que eram somente para a alimentação da família ou até mesmo que eram perdidas devido à grande quantidade, passaram a fazer parte da lista de alimentos para venda, como por exemplo, jaca, manga, maracujá, coco, acerola, graviola e abacate.

Na questão do leite são entregues em laticínios da região, mas esses laticínios pegam somente os leites resfriados e só fornecem resfriadores para produtores que tenham a quantidade elevada de produção. O valor do equipamento que os laticínios fornecem aos produtores vai sendo descontado ao longo do processo. Os produtores que tem menos produção de leite acabam ficando reféns dos produtores que tem a produção alta, de certa forma é uma cadeia de exploração entre os produtores, pois quem tem condições de produzir em maior escala paga um valor inferior aos que produzem menos, são pagos dez centavos abaixo do valor do leite resfriado assim aumentando seu ganho a partir da exploração.

⁴Relatos colhidos através de entrevista com dirigente que mora no assentamento Roseli Nunes.

2.1 ORGANIZAÇÕES DAS FEIRAS

Embora o assentamento tivesse uma grande diversidade de produção o PAA não dava conta de comprar todos os produtos que os agricultores tinham por isso as famílias se organizaram e passaram a organizar as feiras, com a intenção de aumentar a renda e também não deixar que todos esses alimentos se percam devido à grande quantidade que produz.

Foi pensando em uma solução para o excedente das produções agroecológicas que as associações junto com integrantes do MST começaram a organizar feiras nas cidades vizinhas e divulgando a importância de se consumir produtos livres agrotóxicos e também fazer o diálogo entre o campo e cidade.

Então toda semana se realiza feiras em municípios vizinhos, esses produtos são ofertados a preços acessíveis para que a classe trabalhadora das cidades possa ter acesso aos produtos de qualidade.

Além das feiras também são entregues cestas agroecológicas na universidade de Presidente Prudente a UNESP e estamos trabalhando para entregarmos também para igrejas e expandir para os bairros da cidade para levar esses produtos para os trabalhadores da cidade que em muitos casos não tem condições de consumir produtos orgânicos ou agroecológicos nos mercados que trabalham com esses alimentos por terem um valor elevado.

Para que esse movimento possa acontecer é essencial a organização das famílias em conjunto com a cooperativa. Os assentados organizam desde o trabalho familiar até o trabalho na cooperativa. A discussão da agroecologia ainda é um limite para alguns agricultores, muitos estão vendo o bom resultado que os agricultores que trabalham com a agroecologia estão tendo e abrindo os olhos para mudar o modelo que produzem.



Feira Nacional da Reforma Agrária. São Paulo, 2018

Fonte: Thiago Gomes Sobrinho

Esta imagem retrata um momento da Feira Nacional da Reforma Agrária a qual acontece uma vez ao ano no Parque das Águas Estado de São Paulo. Onde os produtores levam seus produtos agroecológicos para serem comercializados e propagandear a produção agroecológica e a importância da alimentação agroecológica.

A feira é importante para que o MST através da sua produção de alimentos dialogue com a sociedade, desmitificando a ideia de que os movimentos sociais principalmente o MST, seja um movimento de baderneiros ou que não tenha compromisso com a transformação da sociedade.

2.2 PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS (PAA)

O Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA) prevê a compra de alimentos da agricultura familiar e a sua doação as entidades socioassistenciais que atendem pessoas em situação de insegurança

alimentar e nutricional. O PAA é implantado por meio de convênio formalizado entre o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e o Estado/Município. Cabe ressaltar que o PAA permite a compra, com dispensa de licitação, de alimentos de agricultores familiares, no limite de até R\$3,5 mil por família a cada ano.

Os beneficiários consumidores são pessoas em situação de vulnerabilidade social e insegurança alimentar. Os beneficiários produtores são agricultores familiares, beneficiários pelo Programa Nacional de Fornecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), agricultores, pescadores, indígenas, entre outros. (BRASIL, 2012, pg. 4)

Este programa é de extrema importância para as famílias Sem Terra, com ele os agricultores aumentaram sua fonte renda, além disso, trazem para o assentamento o acesso as políticas públicas que garantam a venda dos produtos do camponês. O PAA possui duas finalidades básicas: promover o acesso à alimentação e incentivar a agricultura familiar. Nesse sentido Leal (2017) afirma:

O PAA é uma conquista dos movimentos sociais, foi instituído em 2 de julho 2003, pelo artigo 19 da Lei nº. 10.696, e tem como objetivo estimular e fortalecer o campesinato através da aquisição da produção de alimentos dos mesmos e distribuição gratuita para entidades como: associações comunitárias, asilos; albergues; cozinhas comunitárias e restaurantes populares, restaurantes universitários e a populações com risco de insegurança alimentar e nutricional. (LEAL, 2017, pg.19)

O Programa de Aquisição de Alimentos, conforme afirma o autor acima, fortalece o diálogo entre os camponeses sem terra com as demais instituições que buscam também uma melhoria e qualidade na alimentação da classe trabalhadora.

Mas este programa tem uma fragilidade, os valores da cota (preço estipulado pelo programa) dos produtos são muitos baixos, estão entre R\$3.500 a R\$8.000 por ano, assim os agricultores logo esgotavam suas cotas e ficavam com a produção sem ter como comercializar. Porém o movimento dos agricultores proporcionou a criação das feiras para então comercializar os produtos que não iriam mais para o PAA, contribuindo no aumento da renda mensal das famílias.

É Importante ressaltar que este programa fomentou a autonomia das mulheres do assentamento, pois uma grande parte desta produção é protagonizada pelas companheiras, também contribuiu para que os agricultores expandissem a produção agroecológica no assentamento. É um incentivo importante para o desenvolvimento do assentamento Roseli Nunes.

3. AS CONTRADIÇÕES LEVANTADAS

Um dos fatores que mais dificulta os avanços destas áreas é que o assentamento Roseli Nunes está cercado pelo mono cultivo da cana de açúcar, quando fazem pulverizações de agrotóxicos em suas áreas, resquícios de agrotóxicos acabam caindo no assentamento, nas produções dos camponeses, devido ao uso constante de aviões para esta prática.

Outro fator é a dificuldade em organizar mutirões com os agricultores e impedir o uso de agrotóxicos na área do assentamento, a participação das mulheres é vista no início como uma obrigação, mais no decorrer do processo esses limites vão sendo superados.

Os projetos desenvolvidos pelas associações do MST são pilares para o desenvolvimento da agroecologia no assentamento Roseli Nunes, pois as famílias participam não só das práticas, mas também dos debates acerca da agroecologia e algumas outras questões, como por exemplo, a participação das mulheres, o agronegócio, o uso de agrotóxicos, entre outros.

Porém com o fim dos projetos a prática dos mutirões, o que já não é tão fácil de conduzir, acaba se perdendo e percebe-se que a mulher é quem acaba ficando responsável pela continuidade da prática seja em agroflorestas, hortas, pomar, em fim se a mulher não continuar acaba se perdendo os processos que foram construídos. Isso ocorre porque os homens fazem diárias fora para complementar a renda ou até mesmo vão procurar emprego nas usinas de cana de açúcar da região.

Em outros casos as mulheres ficam responsáveis pelas áreas das agroflorestas, enquanto os homens realizam outros trabalhos no lote porque não acham que seja importante a prática da agroecologia. Porém com a comercialização dos produtos retirados destas áreas, as mulheres conseguiram ter uma autonomia financeira. Quando alguns homens percebem que a prática agroecológica além de proporcionar uma melhor qualidade de vida também traz renda à família, voltam para trabalhar nas hortas ou agroflorestas, mas na grande maioria acabam aplicando insumos para aumentar a produtividade e impedindo que as mulheres continuem o trabalho na área.

Mas como estas mulheres estão organizadas nas associações isso é logo descoberto, em primeiro momento os dirigentes fazem uma conversa para a

reinserção das mulheres e a não utilização de adubos químicos e agrotóxicos. Caso isso não seja respeitado as famílias ficam proibidas de comercializar esses produtos nas feiras.

Outro ponto importante para destacar é em relação aos preços, alguns dos agricultores que produzem agroecologicamente acreditam que os preços têm que ser mais alto pelo fato de ser um produto agroecológico, mas a partir de debates e palestras acabam entendendo que a intenção não é ganhar dinheiro, mas oferecer alimentos saudáveis para a classe trabalhadora e produzir sem agredir a natureza. A renda é importante para as famílias, porém não podemos deixar que isso fique em torno somente dos lucros, é preciso a amadurecimento dos agricultores para que o trabalho na agricultura seja uma fonte de renda e ao mesmo tempo em que o modelo de produção não agrida ao ser humano e a natureza.

A agroecologia é um enfrentamento político, um modo de vida, uma ciência e com o passar do tempo esse modelo humaniza as pessoas tornando-as solidárias, mais conscientes e ensinando a produzirem sem agredir a natureza, respeitando todas as formas de vida. Deste modo vejo que as grandes responsáveis pelo o avanço da agroecologia são as mulheres por tem paciência de esperar os processos naturais acontecer, estão sempre participando das capacitações, buscando novos conhecimentos e aplicando novas técnicas. Buscam transferir conhecimento ao maior número de camponeses, estão dispostas a realmente avançar, participam desde a produção ate a comercialização de seus produtos, organizam banco de sementes, fazem a troca de sementes. Sobre as práticas agroecológicas Altieri ressalta:

A agroecologia fornece uma estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam. Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo. Ela utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional – genética, agronomia, edafologia – incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais. Uma abordagem agroecológica incentiva os pesquisadores a penetrar no conhecimento e nas técnicas dos agricultores e a desenvolver agroecossistemas com uma dependência mínima de insumos agroquímicos e energéticos externos. O objetivo é trabalhar com e alimentar sistemas agrícolas complexos onde as interações ecológicas e sinergismos entre os componentes biológicos criem, eles próprios, a fertilidade do solo, a produtividade e a proteção das culturas. (ALTIERI, 1987, pg. 23)



Agrofloresta Assentamento Roseli Nunes. 2018

Fonte: Thiago Gomes Sobrinho



Agrofloresta Assentamento Roseli Nunes. 2018

Fonte: Thiago Gomes Sobrinho

Estas imagens foram tiradas na unidade familiar E2, é um espaço de Agrofloresta com cerca de dez anos de prática agroflorestal. A primeira imagem mostra a agrofloresta com diversidades de árvores nativas, culturas perenes, como café, manga e algumas arvorem nativas, para a construção dos canteiros de hortaliças foram feitos manejos de poda nas arvores nativas para entrada de luz. Esta prática de produção não aceita nenhum tipo de agrotóxico, pois todo o processo de produção é pautado no respeito à natureza e seus ciclos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta para a construção da Reforma Agrária Popular foi ao longo dos anos pautada principalmente devido aos processos de grilagem que o campo brasileiro sofreu na sua história, o contexto do Paranapanema demonstra a importância da luta do Movimento Sem Terra.

O assentamento Roseli Nunes é um dos assentamentos da região do Pontal do Paranapanema que contribuem na promoção da agroecologia.

As feiras e cestas agroecologias, o PAA, são o diálogo do assentamento com a sociedade local. É de extrema importância que os sujeitos da cidade visualizem que a matriz de produção nas áreas de Reforma Agrária é a produção agroecológica.

Existe um fato importante a ser considerado nesta pesquisa, a população na região do Pontal do Paranapanema onde existe a concentração de grandes extensões de mono cultivos de cana, nos últimos anos sofre com o aumento do índice nos casos de câncer, devido a exposição aos agrotóxicos utilizados neste mono cultivo. Há depoimentos de mães que não podem amamentar devido ao índice de agrotóxico presente no leite materno. Entretanto não houve a possibilidade do recolhimento de dados para a comprovação e constatação nesta pesquisa.

Outro ponto importante a ser destacado a partir das análises feitas nesta pesquisa, em especial no momento das entrevistas, é de que as mulheres são os principais sujeitos que fomentam as práticas agroecológicas na produção. Há uma grande parte dos homens que não compreende e não aceitam no início o modelo de produção agroecológica. Porém após verificarem que este novo modelo propicia além de uma alimentação saudável para a família também aumento da renda familiar os homens passam a aceitarem esta proposta.

Tanto a organização das famílias quanto a organização da produção são pilares para que o assentamento siga resistindo na região. É muito importante a organização das famílias para que o desenvolvimento do assentamento, da cooperativa e da associação seja promovido no conjunto do Movimento Sem Terra.

A organização das famílias através da cooperativa estimula os camponeses a participarem dos seminários de formação e debates em torno da produção de alimentos saudáveis.

A produção na matriz agroecológica promove a independência das famílias, pois as mesmas conseguem se auto gerar, cuidando desde o planejamento do que produzir até os investimentos que vão fazer na produção, fazendo com que as famílias tenham autonomia, isso também resulta na resistência das famílias na luta pela terra.

Alguns limites foram encontrados na realização desta pesquisa, foram entrevistadas três famílias assentadas no Roseli Nunes a decisão inicial foi entrevistar um número maior de famílias, mas devido ao tempo e também a disponibilidade das famílias, foi possível realizar com três. Duas das entrevistas ficaram por responsabilidade das mulheres e a terceira por um homem, o qual optou na não participação d mulher durante a entrevista.

Optei por realizar a pesquisa neste assentamento, pois tenho uma proximidade com os camponeses por ter participado em alguns debates sobre a agroecologia e também em alguns momentos de assistência técnica. O assentamento o qual moro ainda não conseguimos fazer a implantação da agroecologia, somente alguns lotes seguem este modelo de produção.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M.A. **Agroecology: the scientific basis of alternative agriculture**. Boulder: Westview Press, 1987.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. **Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar: Renda para quem produz e comida na mesa de quem precisa!** Brasil. 2012. Disponível em: <http://mds.gov.br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/seguranca-alimentar-e-nutricional/aquisicao-de-alimentos-da-agricultura-familiar> Acesso em: 20/11/2018.

FILHO, Sobreira José. **A luta pela terra no Pontal do Paranapanema: história e atualidade**. Geografia em questão, FAPESP São Paulo, V.05, N.01, pg. 83 – 114, 2012. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/1666/1602>. Acesso em: 16/11/2018.

JUNIOR, Leonel. **Direito a agroecologia: a viabilidade e os entraves de uma prática agrícola sustentável**. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

LEAL, Sidney. **A Dinâmica Territorial do Programa de Aquisição de Alimentos (Paa), no Pontal do Paranapanema-Sp no Contexto dos Conflitos**. 2017. 107f. Dissertação (Centro de Estudos de Geografia do Trabalho). Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente. 2017.

MST. **Programa Agrário do MST: Lutar, construir Reforma Agrária Popular**. VI Congresso Nacional do MST. 3 ed. SP: Secretaria Nacional do MST, fevereiro de 2014.

PARANÁ. Assistência Social. **Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)**. Disponível em: <http://www.assistenciasocial.al.gov.br/programas-projetos/seguranca-alimentar-e-nutricional-1/programa-de-aquisicao-de-alimentos-da-agricultura-familiar-paa>. Acesso em: 20/11/2018.

THOMAZ JR, Antonio. **Nova face do conflito pela posse da terra no Pontal do Paranapanema: Estratégia de classe entre latifúndio e capital agroindustrial canavieiro**. Revista Pegada Eletrônica, Presidente Prudente, v. 10, n. 01, 2009. Disponível em: <http://www.fct.unesp.br/ceget/pegada101/01thomaz.pdf>. Acesso em: 19/11/2018.

APÊNDICE 1



Esta entrevista é parte a pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza (UFPR/Setor Litoral – ELAA), com o objetivo de compreender como a agroecologia influencia a vida das famílias do assentamento Roseli Nunes.

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. Porque resolveu trabalhar com agroecologia?
2. Você acredita que a agroecologia pode dar certo? Sim ou não? Por quê?
3. Quais foram às maiores dificuldades enfrentadas?
4. Quais foram os maiores avanços?
5. Qual sua opinião sobre a usina de cana-de-açúcar?
6. Como é sua relação com seu companheiro nos trabalhos do dia a dia?
7. Como percebe a atuação dos militantes do MST para a implantação da agroecologia?
É importante? Justifique.
8. Quais as variedades de sementes crioulas que vocês possuem no seu banco de sementes.